

FRAGMENTOS DA ESCRAVIDÃO EM ALAGOAS:

Escravos, Sociedade na Villa Real de São José do Poxim - 1774 a 1854

ROBSON WILLIAMS BARBOSA DOS SANTOS*

RESUMO

O presente artigo visa analisar o papel desempenhado pelos escravos e do rio Poxim na Vila Real de São José do Poxim, no atual município de Coruripe, Estado de Alagoas. Inserido no contexto histórico da monocultura da cana-de-açúcar em pleno século XVIII e meados do XIX, o Poxim não foi diferente de tantas outras regiões do nordeste brasileiro, sua formação social e seu contingente humano nasceram em torno dos engenhos Jenipapo e Porção por volta de 1774. O processo de ocupação do vale do rio Poxim, e mais tarde o de Coruripe, deram-se em função da criação do gado, inicialmente, e depois veio a instalação dos primeiros engenhos de açúcar na região. O rio Poxim que foi uma "estrada hídrica" para compor o mercado fornecedor e consumidor de escravos, açúcar, farinha de mandioca, batata, carne seca e salgada, sal, feijão, milho, peixe seco e outros gêneros alimentícios na região do vale do São Francisco, também foi muito utilizado para força motriz da moenda do engenho. Ambos – o engenho e o rio – contavam com a presença do negro africano para o pesado trabalho nas lavouras de cana e no fabrico do açúcar.

Palavras-chave: Rio Poxim; Engenho Banguê; Escravo e Contingente Humano.

ABSTRACT

This article aims at the role played by the slaves and the Poxim River in the Vila Real de São José do Poxim, in the present municipality of Coruripe, State of Alagoas. Inserted in the historical context of sugarcane monoculture in the middle of the eighteenth and mid-nineteenth centuries, the Poxim was not different from other regions of the Brazilian Northeast, its social formation and its human contingent were born around the Jenipapo and Porção plantations around of 1774. The process of occupation of the valley of the river Poxim, and later the one of Coruripe, took place due to the creation of the cattle, initially, and soon came the installation of the first sugar mills in the region. The Poxim River was a "waterway" to make up the supplier and consumer market for slaves, sugar, cassava flour, potatoes, dried and salted meat, salt, beans, corn, dried fish and other foodstuffs in the region. valley of the San Francisco, was also widely used for the driving force of milling the mill. Both the mill and the river had a presence of the African Negro for the heavy work in sugarcane plantations and the manufacture of sugar.

Keywords: Poxim River; Sugar Mill Banguê; Slave and Human Contigent.

*Mestrando em História Social pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL e integrante do Núcleo de Estudos Sociedade, Escravidão e Mestiçagem - NESEM.
Email: robsonwilliams55@gmail.com

“Para os que não sabem o que custa a doçura do açúcar a quem o lavra, o conheçam e sintam menos dar por ele o preço que vale.”

André Antonil¹

No início do século XVIII, quando ainda Alagoas² pertencia à capitania duartiana, surgiu no litoral sul de Pernambuco e próximo ao vale do São Francisco, o povoado do Poxim³, que assim como as três principais vilas de Alagoas - Vila de Porto Calvo de Santo Antônio dos Quatros Rios⁴, Vila de Santa Maria Magdalena de Alagoas do Sul⁵ e Vila de São Francisco de Penedo⁶ - não foi indiferente ao plantio da cana-de-açúcar⁷, como todas as outras regiões de Alagoas, já que “não parece acreditável que possa existir uma história das Alagoas sem o açúcar”⁸.

Podemos destacar dentro do processo açucareiro, em Alagoas, o vale do rio⁹ Poxim com os engenhos Jenipapo e Porção, mas foi o Jenipapo o grande agente catalizador da expansão industrial açucareira na região e ao mesmo tempo grande contribuinte na formação do contingente humano, já que foi no núcleo do engenho que se gerou a base do sustento econômico e demográfico para o espaço açucareiro¹⁰ e por consequência o surgimento da família¹¹, como uma organização social e sendo ela o elo econômico da produção de açúcar, a qual aumentava e estimulava o surgimento de novos núcleos de povoamento, e a mão de obra escrava¹², que através do processo de aristocratização social¹³ possibilita o contato humano entre o negro e o branco surgindo a figura do mestiço agilizando o processo de povoamento local.

1 ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e Minas*. 3. ed. Belo Horizonte : Itatiaia/Edusp, 1982, p.26.

2 Vale lembrar que nesse período não havia Alagoas, e sim uma região isolada, ou a periferia, ao sul da Capitania de Pernambuco que recebeu pouca atenção do governo colonial. AZEVEDO, José Ferreira. *Formação sócio-econômica de Alagoas; o período Holandês (1630 - 1654) – Uma mudança de rumo*. São Paulo: USP, 2002. 111 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002, p.149.

3 Em 8 de julho de 1779, o Poxim deixa de ser uma freguesia e é elevada à categoria de vila. LIMA, Ivan Fernandes. *Ocupação Espacial do Estado de Alagoas*. Maceió: SEPLAN, 1992, p.129.

4 Atual cidade de Porto Calvo, também era conhecida como Alagoas Borel (Alagoas Pars Boreal). ALCIDES, Melisa Mota. *O Desenho das Primeiras vilas do Território Alagoano*. In: ANPUH – XXII Simpósio de História, 2003. João Pessoa, Paraíba, p.6.

5 Refere-se à atual cidade de Marechal Deodoro.

6 Quando estava sobre o domínio holandês a Vila de Penedo passou a chamar de Cidade Maurícia.

7 O Brasil passou a produzir açúcar para o mundo a partir 1580. ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico sul, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.33.

8 DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *O bangüê nas Alagoas*. Maceió, EDUFAL, 2006. p.26.

9 As margens desses rios e lagoas, também, eram férteis, através das enchentes, que deixavam o solo (masapé) fecundo. A fertilidade da região açucareira foi um fator preponderante no cultivo da cana. Gilberto Freyre destaca bem essa questão quando diz que “nas condições físicas de solo e de temperatura, Portugal é antes África do que Europa. O chamado “clima português” de Martone, único na Europa, é um clima aproximado do africano”. FREYRE, G. *Casa Grande & Senzala*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963, p.49.

10 No nordeste a colonização se deu através da construção do engenho de açúcar, pois foi o açúcar o motivador da colonização e o fator que fixou o homem à terra e ao mesmo tempo estabeleceu núcleos estáveis de pessoas por conta da atividade açucareira. Ver: DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *População e Açúcar no Nordeste do Brasil*. Maceió: Edufal, 2012, p.25.

11 Destaco aqui o modelo da família colonial (patriarcal), que tinha como base econômica a terra, as riquezas agrícolas e o trabalho escravo. Ver FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963. p, 60.

12 Por falta de documentos, não se tem uma noção de quais eram os tipos étnicos de negros que viam para Alagoas, já que primeiros viam diretamente de Olinda, mas se sabe que muitos eram os “negros da nação”, “cabra roxo”, “pardo”, “mulato claro” e que era raro serem da Guiné ou Angola, isso no século XIX. Sabe-se, que no período holandês, em Alagoas, os escravos eram bantus e saídos dos portos de Angola e Congo, uma das formas que foram identificados foi pela linguística usadas no folclore dessas regiões. Por outro lado, sabe-se, que a partir da conquista de São Paulo de Luanda, na África, em 24 anos de dominação os holandeses trouxeram para o nordeste cerca de 26.000 escravos. DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *População e Açúcar no Nordeste do Brasil*. Maceió: Edufal, 2012, p.52.

13 Com a expansão dos engenhos de açúcar houve também a ampliação da atividades açucareiras e consequentemente as famílias, oriundas dessas áreas, multiplicou-se. Ver DIEGUES JÚNIOR, *op.cit.*, p.35.

No decorrer do século XVII que se alastrou o povoamento da região, e criaram-se para engenhos de açúcar; os vales de Coruripe e do Poxim prestavam-se para agricultura da cana. E começaram a encher-se de canaviais de boeiros de engenhos, de casas-grandes; igualmente – e principalmente – negros escravos¹⁴.

No ano de 1774 havia dois engenhos no Poxim - Jenipapo e o Porção - ambos produziam arroubas e mais arroubas de pães de açúcar que moíam pelo trabalho árduo dos escravos¹⁵, pois aquelas terras, “por suas condições geográficas, foram, aliás, um fator de importância no facilitar a implantação dos canaviais, e com eles a fixação dos grupos humanos”¹⁶. O escravo negro é um elemento desses grupos humanos, já que como crescimento dos canaviais a população branca reduzia-se e a mestiça¹⁷ crescia dando volume populacional expressivo. Os escravos negros que vieram, prioritariamente, para trabalhar nos engenhos da região¹⁸ do Poxim, já eram resultados lucrativo da produção anterior desses dois engenhos e vinham da África¹⁹ e atracavam nos portos das capitania pernambucana e baiana, pois

os lucros potenciais das fazendas e engenhos servem de garantias para a compra de novos fatores de produção (escravos), o excedente é investido produtivamente: os escravos representam um quinto do investimento num engenho de açúcar e metade do investimento dos lavradores de cana²⁰.

Desde a elevação do povoado à freguesia do Curato de São José e Madre de Deus do Poxim em 1718²¹, a região ganha volume demográfico e vem facilitando muito o crescimento econômico local²², esse crescimento faz surgir outros núcleos de povoamento na área do vale do São Francisco. Tal avanço demográfico só foi possível por conta da produção açucareira e do intenso comércio que ocorria nos rios-do-açúcar²³, tanto ao sul de Alagoas quanto ao norte, as embarcações²⁴ trazia escravos, víveres, mantimentos da capitania baiana e pernambucana e servia de rede de informações para essas capitânias.

FIGURA 1 - VILAS E FREGUESIAS DE ALAGOAS EM 1774²⁵

14 DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *O bangüê nas Alagoas*. Maceió, EDUFAL, 2006, p.84.

15 A relação do trabalho escravo está tracejado em um movimento constante de luta de classe através dos conflitos sociais entre o senhor e escravo, que estão entrelaçados em uma relação pessoal de dominação e exploração. THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum – Estados sobre cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.304.

16 DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *População e Açúcar no Nordeste do Brasil*. Maceió: Edufal, 2012, p.27.

17 *Idem*, 2012, p.91.

18 Segundo Diégues Jr. Os bantus foram os maiores contingente de negro que chegaram aqui no nordeste e estavam divididos em dois grupos: os angola-congos e os negros da Contra Costa. *Idem*, 2012, p.43.

19 A venda do açúcar, da safra anterior, possibilitava a compra de mais negros africanos para trabalhar nos engenhos. Ver ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico sul, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.36.

20 *Idem*, 2012, p.38.

21 DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *O bangüê nas Alagoas*. Maceió: EDUFAL, 2006, p.31.

22 THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum – Estados sobre cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.304.

23 Esses rios conseguiam penetrar no interior das zonas açucareiras para fazer a distribuição do açúcar em várias partes da capitania. SANTANA, Moacir Medeiros de. *Contribuição à história do Açúcar em Alagoas*. Recife: Museu do Açúcar. 1970. p.52.

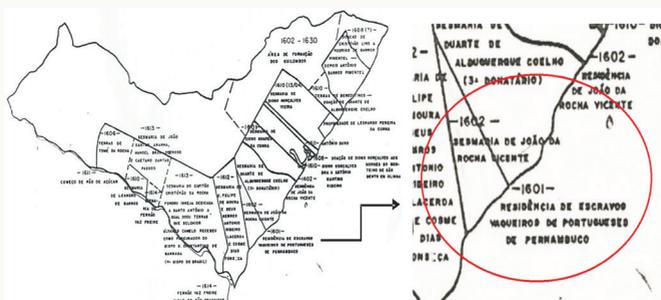
24 RIBEIRO JÚNIOR, José. *Colonização e Monopólio no Nordeste brasileiro: a Companhia Geral de Pernambuco e Paraíba, 1759-1780*. São Paulo, HUCITEC, 1976.

25 ANDRADE, Manuel Correia de. *Usinas e Destilarias. Uma contribuição ao estudo da produção do espaço*. Maceió, EDUFAL. 1997, p.32.

a criação da geografia do Atlântico deveria priorizar áreas acessíveis de transporte por água, por isso alteraria outras considerações sobre o espaço e distância, ligado as regiões distantes com mais facilidade do que regiões situadas próximas uma das outras³¹.

O primeiro relato sobre a presença do escravo negro³² no Poxim e na utilização do rio Poxim, como vias fluviais de transportes de escravos³³ e mercadorias coloniais, foi no final do século XVI e início do século XVII quando o Poxim ainda era um povoado da sesmaria de João da Rocha Vicente³⁴ nos idos de 1600. Anos mais tarde quando a sesmaria foi doada para Antônio Moura Castro, seu território foi redefinido e agora estava situada entre o porto do rio São Miguel e o rio Coruripe.

FIGURA 2 - ESTADO DE ALAGOAS SESMARIAS – SÉCULO XVII -1600 A 1630³⁵



Cortada por um vasto sistema hidrográfico essa sesmaria deu origem à vila do Poxim e a Coruripe³⁶, considerando as águas do rio o meio de transporte mais natural, fácil e viável ao escoamento de produtos, seja legal ou ilegal e da produção do açúcar, já que

a cultura da cana procura sempre as proximidades das regiões de rios ou riachos, e não se distanciou, por interesses comerciais, do mar. É nas águas dos rios, dos pequenos rios, que o senhor de engenho encontrar o melhor colaborador para a organização econômica³⁷.

O rio Poxim facilitou a comunicação comercial entre colonos e colonizados, desde dos primórdios, e serviu para o escoamento dos produtos em barcos menores rumo ao mar e, muitas vezes, colocando em risco os colonizadores e suas mercadorias por conta das atividades ilegais, o rio era utilizado para contrabando³⁸ de madeira que havia na região, pois

31 THORNTON, John Kelly. *A África e os africanos na formação do Mundo Atlântico 1400 - 1800*. Tradução de narisa Rocha Mota. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p.55.

32 THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum - Estados sobre cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.305.

33 Segundo Diégues Júnior, a presença do negro ao sul da Capitania de Pernambuco já estava presente nas expedições de Jerônimo de Albuquerque e Cristóvão Lins. DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *População e Açúcar no Nordeste do Brasil*. Maceió: Edufal, 2012, p.83.

34 *Idem, op.cit.*, p.83.

35 LIMA, Ivan Fernandes. *Ocupação Espacial do Estado de Alagoas*. Maceió SEPLAN 1992, p.129.

36 LEMOS, João Ribeiro. *Coruripe: sua história, sua gente, suas instituições*. Maceió: Ed. Do autor, 1999, p.31.

37 DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *O bangüê nas Alagoas*. Maceió: EDUFAL, 2006, p.112.

38 Havia muitos contrabandistas de madeira local, principalmente de pau-brasil. Os franceses foram os primeiros a investir nesse contrabando e começaram a fazer incursões em alagoanas, principalmente na região

o incipiente comércio dos primórdios da Capitania das Alagoas era constantemente embaraçado pelos corsários. No dia 4 de setembro de 1819 a sumaca "São João Diligente", comandada pelo mestre João Batista Pereira e de propriedade de Antônio José Teixeira, da Praça da Bahia, foi abordada nas costas alagoanas, entre o Peba e Coruripe (Poxim)³⁹, por uma escuna com bandeira norte-americana, armada com duas peças calibre seis, duas pequenas coronadas de pão à proa e quinze homens de tripulação. Da equipagem e passageiros da sumaca foi tomada toda a roupa e dinheiro, além dos mantimentos, inclusive uma caixa de açúcar, e lançados ao mar seis sacos de algodão⁴⁰.

Nesse período havia abundância de madeira, no Poxim, para diversos fins, um deles era a extração da madeira para o conserto e fabrico de embarcações⁴¹ de todos os portes e para as atividades do engenho.

No termo da vila do Poxim funcionavam então dois estaleiros, onde se fabricavam sumacas. O primeiro deles, o melhor, localizava-se na Barra de Jequiá, de onde se largavam ao mar sumacas de até 110 palmos; o outro, o do porto do Batel, tinha capacidade limitada a embarcações de 90 palmos. Neste termo trabalhavam 46 carpinteiros de machado, dos quais 12 eram oficiais, 15 mancebos e 19 ajudantes. Quanto a calafates, apenas 1 oficial e 1 mancebo⁴².

A atividade de conserto e produção de embarcações veio crescendo com o passar dos tempos, mas ganhou maiores dimensões nos

fins do século XVIII e no decorrer do século XIX, nela existiam estaleiros que fabricavam até navios de alto bordo, utilizando madeiras de suas próprias matas, que também forneciam a matéria-prima para a calafetagem: embiras, que existiam de vários tipos, superiores mesmo às estopas, pois não apodreciam na água e nela inchavam, fixando melhor, e uma resina extraída do camaçari, pegajosa a ponto de somente largar das mãos com óleo quente. Na construção de uma embarcação de certo porte eram empregadas diversas espécies de madeira⁴³.

Mas nada substitui a cana-de-açúcar, então no ano de 1776 o número de engenhos⁴⁴ em Alagoas aumentaram devido a expansão das lavouras de cana e consequentemente a necessidade de mais mão de obra escrava negra no vale do rio⁴⁵Poxim. Assim, toda a estrutura açucareira como o engenho, casa-grande, casas mais simples para os comerciantes locais, igrejas e senzala, estão estabelecidas "pois foi o açúcar o motivador da colonização e o fator a prender o elemento humano à terra"⁴⁶.

No Poxim no ano de 1774, havia uma igreja⁴⁷, duas capelas, quatorze fazendas

costeira, com a finalidade, puramente comercial, do tráfico de pau-brasil e o Poxim registra a expulsão definitiva dos estrangeiros, fancezes, em terras alagoanas em 1808.

39 Grifo nosso.

40 SANTANA, *op. cit.*, p.29-30.

41 RIBEIRO JÚNIOR, José. *Colonização e Monopólio no Nordeste brasileiro: a Companhia Geral de Pernambuco e Paraíba, 1759-1780*. São Paulo, HUCITEC, 1976.

42 SANTANA, *op. cit.*, p.73.

43 *Idem*, p.71.

44 CARVALHO, Cícero Pérciles de. *Formação Histórica de Alagoas*. Maceió, EDUFAL: 2015, p.116.

45 A água em abundância foi um elemento geográfico importante para os engenhos, já que a água servia de força motriz para a moenda dos engenhos, já que o "engenho honrou água, não se limitou a servir-se dela". Assinala Gilberto Freyre.

46 DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *População e açúcar no nordeste do Brasil*. Maceió: Edufal, 2012, p.25.

47 A origem da construção da igreja de São José do Poxim está situada à segunda metade do século XVIII, segundo uma data registrada em um lavabo na sacristia que diz 1762. Não há registro preciso sobre esta data: sendo assim, esta passaria a corresponder ao ano de 1717, pois, no seguinte ano, 1718, seria proclamada sede da paróquia, segundo consta no livro de tomo, pelo bispo de Olinda. LEMOS, *op.cit.*, p.175.

e dois engenhos, um deles é o Jenipapo⁴⁸, com 402 fogos e 1682 habitantes⁴⁹, com isso, nessa época, o engenho Jenipapo crescia em relação aos outros engenhos que havia na região⁵⁰. Mais tarde, no ano de 1849, surgiram outros engenhos como o Engenho Porção pertencente a Francisco Manoel de Carvalho, o Engenho São João da Prata de João da Ressurreição Lima Lessa, o Engenho Miahi de José Marcelino dos Santos, o Engenho Lagoa do Pau de Antônio Manoel de Azevedo, o Engenho Piauí de Manoel Felipe de Araújo e, por último o Engenho Conceição das Bananeiras do Padre João de Araújo e Silva. Todos esses engenhos, com exceção do Porção⁵¹ que surgiu concomitante ao Jenipapo, nasceram depois deste, que na época estava sobre administração de Dona Maria Cleofa de Carvalho⁵².

O Engenho Jenipapo, o primeiro da região do Poxim, foi um grande braço articulador da produção açucareira para Penedo, já que desde os tempos de Nassau, Penedo não tinha muitos engenhos, exceto para a fabricação de rapadura e aguardente para consumo interno. Na descrição de Verdonck vejamos que

há um povoado de poucos habitantes e nas imediações 5 ou 6 engenhos, mas fazem pouco açúcar e anos há em que alguns não moem; ainda nesse lugar existe grande quantidade de bois e vacas, por causa do excelente pasto, de sorte que por esse motivo os moradores possuem muito gado, que é a sua principal riqueza e constitui a melhor mercadoria destas terras e com a qual mais se ganha devido à sua rápida multiplicação (...)⁵³.

Mais tarde no ano de 1854, havia 9 engenhos⁵⁴ no Poxim e todos eles eram movidos por força das águas ou tração animal⁵⁵ e estavam em plena atividade, eles produziam em média 22.800 arrobas de açúcar sobre as mãos de 279 escravos⁵⁶.

Em Poxim, para exemplificar, existiam em 1854 9 engenhos moentes: Poção, Jenipapo, Bomfim, Glória, Liberal, Conceição, São João, Mato Grosso e São José, além do Pau Ferro, de fogo morto, e outro na Lagoa do Pau, quase à beira mar, e mais 3 enghocacas na margem direita do rio Coruripe. Eram movidos pela força d'água, boi ou cavalo. Na "Relação dos engenhos de açúcar, seu proprietários no termo do Poxim" vem discriminada a qualidade das terras, por engenho, que eram de areia e de brejo, além da produção anual de cada um, o número de escravos e bois, que totalizavam, respectivamente, 22.800 arrobas de açúcar, 279 escravos e 374 bois⁵⁷.

48 No dia de Fevereiro 13 de 1801, o padre Antonio Joaquim de Carvalho e Couto faz um requerimento ao príncipe regente [D. João] a pedir provisão de insinuação para confirmação da doação para seu patrimônio que lhe fez seu irmão, o alferes Francisco Manuel de Carvalho e Couto morador no termo da Vila Real de São José de Poxim, comarca de Alagoas, de quantia referida trezentos mil reis ao engenho Genipapo, ou seja, em suas mãos estavam dois engenhos o Jenipapo e Porção. AHU-PERNAMBUCO. AHU_ACL_CU_004, Cx. 4, D. 300. 49 ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, Rio de Janeiro, v.40: 1918 (1923).

50 DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *O bangüê nas Alagoas*. Maceió: EDUFAL, 2006, p.85.

51 No ano de 1842 pertencia Dona Maria Cleofa de Carvalho. SANTANA, *op.cit.*, p.358.

52 Essa senhora passa a administrar esse engenho no início do século XIX, pois ficou viúva lá pelos idos de 1822, herdando o engenho tornando-se a "cabeça de casal" e obtendo 45 escravos no ano de 1827. Dona Maria Cleofa de Carvalho também é citada na obra de Moacir Santana com Dona Maria Cleofa de Jesus. *Idem*, *op.cit.*, p.357.

53 VERDONCK, Adrian. Descrição das capitanias de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande. Memória apresentado ao conselho político do Brasil por Adriano Verdonck, em 20 de maio de 1630. In: MELLO, José Antônio Gonçalves de. *Fontes para o Brasil Holandês - a economia açucareira*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1981, p.36.

54 Acrescento mais dois engenhos, no Poxim, nesse ano que eram; Riachão de Joaquim da Costa Nunes e Poxim Grande de Ananias da Costa Nunes, que ambos produziam entre 900 a 1000 pães de açúcar.

55 Havia 374 bois para a moenda dos 9 engenhos de açúcar no Poxim. Ver: SANTANA, *op.cit.*, p.10.

56 Havia impostos sobre esses escravos como mostra o Ofício do Presidente da Câmara da Vila do Poxim determinando o cumprimento de Leis referentes aos impostos sobre os escravos. Alagoas 20 de março de 1822. IHGAL. Documento - 00415- 7 - 1 - 4.

57 SANTANA, *op.cit.*, p.236.

Essa região do Poxim não tinha apenas a produção do açúcar e fabrico de embarcações, também havia a produção de outros produtos e gêneros alimentícios⁵⁸ para serem comercializados, garantindo toda a estrutura colonial da antiga capitania duartiana como é o caso da farinha de mandioca⁵⁹, aguardente, carne verde, batata, sal, peixe seco, feijão, milho, víveres, água potável, mantimentos e tantos outros gêneros alimentícios. Vejamos o documento do final do século XVIII, relatando alguns dos produtos de primeira necessidade mais consumido no Poxim, ano de 1800, recebido pela Junta Real da Fazenda de Alagoas.

Nessa Junta da real da fazenda arrematou José Alemão de Sismeiros os subsídios literários de hum real por cada libra de carne de Vaca, ou boi fresco que se consome, não se determinndo, pessoas, a excepção da que consome os credores dos gados; o de dez reis por cada canada de agua ardente, que se fabrica ou entra de fora, sem mostrar que pagou o mesmo subsídio donde saíra; e tendo fé obrigado esta junta, em nome do Príncipe Rgente Nosso senhor a presta-lhe todo o auxílio, e favor licito, para so verificar a exata cobrança dos referidos subsídios Reais, applicados para hum objecto de tanto interesse dos povos desta capitania, qual he a sua instrução e para que os dias constados não tinha motivo de queixa, antes se amine (...), (...) no dito contrato, e a subir de preço nas seguintes arrematação (...) por tanto esta junta recomenda vossa mērces que preste sobredito contratados auxílios e providencias que lhe requires; a bem de hu'a (...) arrecadação dos mencionados subsídios em caso que seoffereça algum obstaculo q' não popa's remover, o participem desta junta, para ellá setomarem suas medidas que forem mais efficazes: afim o espera essa junta do seo zelo pele Real serviço bem publico⁶⁰.

Mas foi a farinha⁶¹ de mandioca o grande produto a ser exportado do Poxim, ela mantinha grande parte da produção colonial, quase toda a farinha que circulava em Alagoas, parte de Pernambuco e Bahia era produzida no Poxim, mesmo na vila de Penedo que necessitava de um grande contingente de pessoas para trabalhar com o gado e manter tropas⁶² militares na região à serviço da coroa. A importância desse tubérculo vem desde dos tempos dos holandeses, Barléus destaca bem a importância desse produto quando escreve,

O alimento dos naturais é a farinha, frutos vários e hortaliças. Preparam aquela com as raízes da mandioca. Esta apresenta ramos de nove folhas alternas, semelhantes ao cinco-em-rama ou pentafílo, à maneira de dedos. Não dá flores nem sementes. O caule lenhoso deita varas lenhosas. Em montezinhos de terra de 3 ou 4 pés de diâmetro, metem-se três ou quatro pedaços destas varas, deixando-se fora da terra até o meio. Formam-se e distribuem-se esses montinhos por espaçossísimos campos. Estas varas lançam raízes debaixo do solo, das quais nascem e se multiplicam ramificações subterrâneas e radiciformes, da grossura de um braço, e às vezes de um côvado de comprimento conforme a qualidade do terreno. As raízes que os holandeses chamam doces, posto de grossura diferente da mandioca, botam, fora da terra, em 2 ou 3 rebentos, os quais, tornando-se lenhosos no oitavo, décimo ou duodécimo mês, servem de semente. A mandioca difere das nossas plantas só nisto: nada sai do fruto da mandioca para a sua propagação, e nas nossas o fruto é que gera as sementes, pelas quais se reproduzem. É a mandioca um alimento bastante forte e mais agradável do que o pão

58 Por sua situação hidrográfica o Poxim era abundante em peixe. Ver ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, Rio de Janeiro, v.40: 1918 (1923).

59 Mandioca, farinha de mandioca, peixe seco, feijão, batatas, couro, algodão, fumo, pau-brasil, âmbar e diversos víveres alimentícios da própria região. A farinha de mandioca não era considerada como produto comercial e sim como um mantimento (alimento básico de marinheiros, homens livre e da escravaria). Ela era conhecida no Brasil como “da terra” em Portugal “de pau”. Ressalto aqui, que na segunda metade do século XVII já havia registros de plantações de mandioca ao longo das estradas percorridas pelas caravanas de escravos do interior de Angola até os portos do litoral. SOARES, Mariza de Carvalho. “Engenho sim, de açúcar não. O engenho de farinha de Frans Post”, *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 25, n 1, p. 61-83, jan /jun 2009.

60 Ofício ao presidente da Câmara da Vila do Poxim comunicando haver José Alemão de Sismeiros, arrematado o subsídio literário, referente a carne verde e aguardente (...), em 10 de maio de 1800. IHGAL. Documento – 0066 – 02 – 03 – 1.

61 Ofício que dirigiu a Câmara do Penedo a Câmara do Poxim, comunicando que força estacionada em Vila Nova apreendera toda farinha, e um oficial comissionado pelo Governo Interino das Alagoas. 15 de abril de 1817. IHGAL. Documento – 001680 – 21 – 03 – 26.

62 IHGAL. Documento – 001676 – 21 – 03 – 22 - Ofício que dirigiu a Câmara do Penedo a Câmara do Poxim, pedindo-lhe farinha para as tropas. 12 de abril de 1817.

para os portugueses, índios e negros e até para os nossos soldados⁶³.

No momento da dominação holandesa no século XVII, Nassau acreditava que era necessário combinar o cultivo da cana-de-açúcar com essa atividade agrícola – a farinha de mandioca ou “farinha de guerra”⁶⁴, que “servia de sustento aos cativos, aos soldados e ao tráfico terrestre, fluvial e marítimo”⁶⁵. Craveiro Costa, em *A Emancipação das Alagoas*, descreve em documento⁶⁶ esse fato e mostra a importância econômica e social do Poxim para a região do vale do São Francisco e manutenção dos conflitos bélicos na colônia⁶⁷;

acordaram que se escrevesse carta de Ofício à Câmara do Poxim para ter em segurança e debaixo de embargo, duzentos alqueires de farinha, para a sustentação das Tropas que vêm da cidade da Bahia para se reunirem com as desta Vila e as mais da comarca, e que fôsem remetidos cinquenta alqueires para Piassabuçu a ser conduzida a esta Vila para o mesmo suprimento das tropas⁶⁸.

Nas diversidades desses produtos surgiu um outro nos arredores do engenho na região do Poxim e contribuiu para o aumento demográfico da região que foi o sal⁶⁹. Ele passou a ser comercializado na região desde do final do século XVIII, tinha seu controle pela Coroa Portuguesa. Em 1854 havia 12 salinas no Poxim, em que cada uma dela tinha “701 coalhadores, produzindo cada uma 4 alqueires de sal, totalizando 2.804 alqueires”⁷⁰.

já existiam salinas em Poxim, município do qual Coruripe⁷¹ era um simples distrito. A 28 de maio fundeava no porto de Jaraguá, procedente do Poxim, a barcaça “Santa Luzia do Norte”, com “90 alqueires”⁷² de sal nacional”, consignados à firma maceioense Andrade & Azevedo, quantidade aquela equivalia a 390 alqueires, medida do Rio de Janeiro, conforme consta do despacho da aludida mercadoria⁷³.

Em outras palavras, o Poxim e o vale do seu rio, muito próspero, produziu além do açúcar, outros produtos comercializado na época, e bem conhecidos na atualidade. O Poxim foi um celeiro de desenvolvimento de tais produtos citados e um grande engenho que produzia gente

63 BARLAEUS, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*. Prefácio de José Antônio Gonçalves de Mello. Tradução Cláudio Brandão. Recife: Editora Fundação de Cultura do Recife, 1980, p.162.

64 ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico sul, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.92.

65 *Idem*, p.94.

66 IHGAL. Documento – 939 – 21 – 03 - 22 - Auto de Veneração em que houve adjuntamente das repúblicas desta Vila, do Penedo, de 12 de abril de 1817.

67 NASSAU, Maurício et. al. Breve discurso sobre o Estado das quatro capitanias conquistadas, de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, situadas na parte setentrional do Brasil. (1638). In.: MELLO, José Antônio Gonçalves de. *Fontes para o Brasil Holandês – a economia açucareira*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1981, p.81.

68 CRAVEIRO COSTA, João. *A Emancipação das Alagoas*. Maceió, 1967, p.125.

69 Criação dos ofícios de juiz de fora para Olinda e de Ouvidor para Alagoas e Rio de São Francisco como forma de garantir a administração dos produtos que circulavam na região sul de Pernambuco e na melhor arrecadação do tabaco e do salitre (este último produzido nas minas dos sertões do Rio São Francisco), devendo o Ouvidor-Geral ter 300 mil réis de ordenado, pagos pelas câmaras de Porto Calvo, Alagoas do Sul e Penedo com os subsídios do comércio de tabacos, gado e salitre com o Recife e com a Bahia, fazendo sua residência na vila de Alagoas do Sul. AHU, Pernambuco Avulsos. Cx. 18, D. 1827.

70 SANTANA, *op.cit.*, p.49-50.

71 O Poxim perdeu a condição de Vila em junho em 1799, e passava a constituir um distrito de Coruripe. A vila de Coruripe foi criada pela Lei nº 484 de 23 de julho de 1866, para o qual passou a sede do município, com a denominação de Coruripe. Foi desmembrado do seu município apenas o povoado de Poxim, porém, em 1891, foi novamente anexado a Coruripe pela resolução nº 393 de 31 de maio de 1904.

72 Unidade de medida agrária variável de região para região.

73 SANTANA, *op.cit.*, p.49.

para fabricar açúcar, e conseqüentemente toda a estrutura comercial necessária da época.

Esses produtos partiam do Poxim para o vale sanfranciscano e as demais áreas açucareiras através de lagoas e rios menores auxiliando e garantindo as relações comerciais e o desenvolvimento demográfico e social da área, por meio da venda do açúcar, escravos negros⁷⁴ e produtos produzidos em seu território para abastecer o comércio colonial sobre a mão do colonizador branco.

Contudo, o colonizador branco era senhor e proprietário da área açucareira e conseqüentemente dos meios de produção e do escravo negro que trabalhava nos engenhos, que naturalmente tornou-se a base do desenvolvimento dessa área.

Tendo em vista os aspectos observados, notamos que os homens brancos que fizeram do Poxim um grande polo açucareiro não o fez assim com a missão de povoá-lo e transformá-lo em uma colônia de povoamento, mas o fez com a ambição do colonizador em desenvolver o local em um apêndice comercial da Vila de Penedo tendo em vista o lucro do comércio colonial, que transitava entre o norte sul da capitania duartiana.

74 Os escravos que viam, para o Poxim, eram da Costa da Marfim, Costa da Mina e Guiné. Os escravos desembarcavam na praia do Poxim e seguiam rio a dentro até chegar nos engenhos.